

A CRIAÇÃO DA SOCIEDADE AGRÍCOLA FRAIBURGO (SAFRA) E O INÍCIO DA POMICULTURA EM FRAIBURGO – SC, NA DÉCADA DE 1960

BRANDT, Marlon

marlonbrandt@yahoo.com.br

Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC

Resumo

Durante muito tempo a maçã foi um dos principais produtos agrícolas importados pelo país perdendo apenas para o trigo. Sua produção era pequena, com frutos de tamanho reduzido e de má qualidade, com um comércio restrito geralmente a cidades vizinhas. Esta situação começou a se alterar a partir da década de 1960, quando no município de Fraiburgo foi criada em 1962 a Sociedade Agrícola Fraiburgo (Safra), por René e Arnaldo Frey, empresários e proprietários de terras, Gabriel e Henri Evrard, fruticultores franco-argelinos e Albert Mahler, empresário francês. A Sociedade, inicialmente destinada a produção de uvas e vinhos, pretendeu na década de 1960 expandir a experiência no cultivo de outras frutas, dentre elas a maçã. Para isso, criou em 1963 um pomar experimental de fruticultura, para estudar seu comportamento e a viabilidade econômica para o cultivo comercial. Resultados preliminares em 1968 apontaram a maçã como a fruta mais viável. E no final da década de 1960 se iniciou o plantio comercial de maçãs, plantio que não foi estimulado apenas por resultados técnicos, mas também por interesses econômicos e ligações políticas do grupo Safra e dos Frey.

Palavras chave: desenvolvimento regional, fruticultura de clima temperado, políticas públicas.

Abstract

For a long time apples were Brazil's second largest imported agricultural produce, wheat being the largest import. Apple production was low, with small sized fruits and poor quality meaning their sale was restricted mainly to neighboring cities. This situation began to change from the 1960's on, when the Fraiburgo Agricultural Society (*Safra*) was created in Fraiburgo (1962). This society was created by René and Arnaldo Frey, entrepreneurs and land owners; Gabriel and Henri Evrard, Franco-Algerian entrepreneurs and Albert Mahler, a French entrepreneur. This society was initially set up to produce grapes and wine, but during the 1960's expanded to other fruit growing areas, including apples. For this, in 1963 they created an experimental orchard in order to study adaptability and economic feasibility of commercial fruit growing. Preliminary results from 1968 pointed to the apple as the most viable fruit. And by the end of the 1960's, commercial planting of apples began, not just on the strength of technical results, but also because of economic interests of and political connections between the Safra group and the Freys.

Keywords: regional development, tempered climate pomiculture, public policy.

INTRODUÇÃO

Até a década de 1970, a pomicultura (cultivo de maçãs) não exerceu uma relevante importância econômica na atividade agrícola brasileira. Grande parte de seu plantio se restringia a algumas propriedades agrícolas, para consumo próprio ou comercialização

local. A quase totalidade das maçãs consumidas no país era importada, sobretudo da Argentina, tanto que até aquele período, a maçã era o segundo item agrícola mais importado pelo país, ficando atrás apenas do trigo (RIBEIRO, 1973:56).

Esta situação começou a se reverter quando, a partir da década de 1960, se introduziu no município de Fraiburgo, um município recém criado na região do Meio-Oeste Catarinense, um pequeno pomar experimental, para testar a viabilidade econômica de diversas espécies frutíferas de clima temperado, dentre elas a maçã. Tal experiência, conduzida pela Sociedade Agrícola Fraiburgo (Safrá), seria fundamental para o desenvolvimento do cultivo comercial de maçãs em grande escala no município e na região a partir do final da mesma década.

A CRIAÇÃO DA SOCIEDADE AGRÍCOLA FRAIBURGO

Entre as décadas de 1930 e 1970, se constata no Brasil um novo padrão de desenvolvimento, baseado cada vez mais nos setores urbanos e industriais, voltado ao atendimento da demanda deste mercado em plena expansão. É também a partir desta época que se inicia uma maior integração entre a indústria e a agricultura na economia brasileira, ocorrendo “uma crescente especialização do setor agropecuário na produção de determinados bens” (SZMRECSÁNYI, 1990:75).

Em Fraiburgo, este processo se inicia na década de 1950, quando dois irmãos, René e Arnaldo Frey, que atuavam desde a década de 1930 no setor madeireiro na região, frente ao futuro esgotamento das reservas de madeiras economicamente viáveis em suas propriedades, decidiram investir em outros setores econômicos. Dentre estes setores, o mais importante para este artigo é o da fruticultura, através do cultivo de ameixas e uvas. Uvas que eram destinadas a produção de vinho em uma pequena cantina também construída pelos Frey. (BURKE, 1994).

Um dos problemas encontrados pelos irmãos Frey em relação às atividades de fruticultura estava relacionado principalmente a falta de tecnologia e de recursos humanos especializados. A ausência destes elementos, somados a necessidade de capital para investimento, seriam os principais motivos que levariam os Frey a procurar pessoas especializadas e interessadas em investir na implantação de modernos pomares e parreirais no município (FREY, 2004a).

A procura por sócios interessados neste investimento faz com que os irmãos Frey conheçam dois franco-argelinos (pai e filho), que possuíam a intenção de produzir uvas no país, chamados Gabriel e Henri Evrard. Os Evrard possuíam na Argélia, na época uma

colônia francesa, uma unidade vinícola de 1.200 hectares, onde também cultivavam outras espécies frutíferas (SCHIMIDT, 1990:63).

A descolonização de diversas nações africanas, após a II Guerra Mundial, dentre elas a Argélia, que na década de 1950 e início de 1960 encontrava-se em estado de guerra civil (REIS, 2000, p. 46), foi o motivo que levou os Evrard a procurar outro país para viver e investir. Os Evrard possuíam como sócios em sua propriedade um empresário francês chamado Albert Mahler e um grupo suíço chamado Shenk, que também possuía negócios em São Paulo, atuando na compra de uvas e produção de vinhos no país. Foi através desse grupo e da possibilidade de formar uma Sociedade no país que os Evrard conheceram o Brasil (EVRARD, 2003).

De acordo com Paul Evrard, tal sociedade no Brasil não se concretizou, porém:

[...]quando o pai [Henri Evrard] veio ao Rio [de Janeiro] tinha um administrador dessa sociedade Shenk que conhecia Fraiburgo e conhecia seu René [Frey], foi vamos dizer o primeiro passo que trouxe meu pai a vir a Fraiburgo [...] (EVRARD, 2004a).

O contato entre os Frey e os Evrard e a permanência de Albert Mahler como sócio dos Evrard, resultou na criação em 27 de março de 1962 da Sociedade Agrícola Fraiburgo, conhecida como Safra, e a Sociedade Vinícola Fraiburgo, destinada à produção de uva e vinho¹. Nesta sociedade, os irmãos Frey entrariam com 1.000 hectares de terra², onde já se encontravam os parreirais, o pomar de ameixas e a cantina onde o vinho era produzido, enquanto o grupo franco-argelino entraria com o capital necessário para expandir a produção de uva e modernizar a cantina, ficando cada sócio com 33% do capital (BRANDT, 2004a:53).

As lavouras de árvores frutíferas, no caso as parreiras e pomares cultivados pela Safra, de acordo com Arthur Stinchcombe, requerem um longo investimento para a colheita e para oferecer seus rendimentos, devido ao prazo em que os resultados aparecem. Portanto, tendem a ser cultivadas em grandes propriedades capitalistas. A seu ver, “o principal fator econômico que parece dar origem à grande agricultura capitalista é a necessidade de investimentos em capital em longo prazo em culturas ou maquinaria, combinada com um custo relativamente baixo de terra” (STINCHCOMBE, 1975:22).

Ao conhecerem melhor a região, os franco-argelinos cogitaram a hipótese de se cultivar outras espécies de frutas, dentre elas a maçã, além da uva e da ameixa, já em produção, como demonstra o depoimento de Henri Evrard:

Era só madeira, mas sabe que me deu vontade plantar maçã também. Que visitando os colonos [...] na região, cada colono tinha um pé de maçã, um pé de

maçã de 30, 40 anos bem velho, produzindo uma maçã vagabunda, uma maçã comum, mas a folha tava boa, o pé tava desenvolvendo [...] os colonos tem maçã, porque a gente não vai plantar maçã? (EVRARD, 2003).

A idéia de se produzir maçãs no país era tentadora, uma vez que o ritmo de importações não era acompanhado pela produção, como é possível observar nos quadros a seguir:

Quadro 1: Importação de maçãs pelo Brasil (1960 – 1969)

País	Quantidade/ano (toneladas)									
	1960	1961	1962	1963	1964	1965	1966	1967	1968	1969
Argentina	36.424	43.232	50.153	64.194	38.477	59.579	54.629	85.507	108.222	105.074
Canadá	-	-	-	-	-	-	799	599	-	-
Chile	-	-	-	-	-	-	-	-	394	550
E.U.A	-	-	-	-	-	-	939	1.832	131	35
França	-	-	-	-	-	-	-	38	4.947	7.978
Grécia	-	-	-	-	-	4	44	22	178	241
Uruguai	-	-	-	-	-	-	-	236	-	-

Fonte: Centro de Informações Econômico Fiscais do Ministério da Fazenda. *Apud* SEZERINO, 1982, p.89.

Quadro 2: Produção Brasileira de Maçã (1960- 1969)

Anos	Maçãs (toneladas)
1960	9.513
1961	9.981
1962	11.300
1963	11.620
1964	10.578
1965	11.987
1966	11.779
1967	12.392
1968	13.035
1969	14.432

Fonte: ETEA – Min. Da Agricultura e IBGE. *Apud* SEZERINO, 1982, p. 85.

Não é intenção do artigo realizar uma análise da complexa conjuntura econômica do país a partir da década de 1950, do seu processo de industrialização, do aumento das importações, da internacionalização da economia, do crescimento econômico, da urbanização, etc., que o país atravessava. Porém ao se analisar a situação do aumento das importações e do consumo de maçãs no país na década de 1960, deve-se também levar em consideração o contexto cultural, que possuía uma íntima relação com estas transformações.

Neste período, verifica-se na sociedade brasileira, principalmente nas grandes cidades, a formação de uma sociedade de consumo (MAMIGONIAN, 1969:63), composta, na maioria, pelas classes médias e altas que “influenciadas pelos meios de comunicação e pela ampliação das atividades industriais realizadas por grupos multinacionais no país, adotavam como modelo o estilo norte-americano de vida” (FIGUEIREDO, 1998:132), o chamado *american way of life*, “um estilo de vida centrado na publicidade, nos apelos hedonistas e na euforia do consumo” (SEVCENKO, 2001:37). Este estilo, fortemente propagado nos veículos de comunicação após a II Guerra Mundial, causou nas camadas médias e altas da sociedade brasileira uma certa aproximação e até identificação com estes valores norte-americanos (FIGUEIREDO, 1998:118). E a maçã também possuiria uma certa identificação com aqueles valores, vinculados em propagandas, filmes, desenhos, etc., que de certa forma manipulam desejos e gostos (HARVEY, 2003:259, 260). Afinal, quem nunca assistiu algum desenho animado ou filme norte-americano onde se comem tortas de maçã ou se observa algum leitão indo para o forno com uma maçã na boca?

É da adoção deste modelo, somados à ampliação da classe média, que se observa o surgimento de uma cultura de consumo. É possível observar a influência deste cenário no aumento do consumo de maçãs *per capita* através do quadro 3, aumento que ao longo do período não foi acompanhado pela produção.

Quadro 3: Consumo de maçãs *per capita* no Brasil (1960 – 1970)

Anos	Índice de consumo <i>per capita</i> (kg/hab)
1960	0,65
1965	0,75
1970	1,45

Fonte: A cultura da maçã, Acaresc. *Apud* SEZERINO, 1982, p. 88.

Alto preço e pouca disponibilidade para um restrito mercado consumidor. Armen Mamigonian comenta que na década de 1960, notadamente após 1964, houve uma aceleração da política de concentração de renda. A sociedade de consumo abrangia apenas 20% da população brasileira (1976:99). E a maçã, na década de 1960, custava quase um dólar (BLEICHER, 2002, *apud* KLANOVICZ e NODARI, 2005:66), o que faria anos mais tarde Henri Evrard afirmar que

[...] aqui tinha um mercado fabuloso, o Brasil importava não sei quanta quantidade de maçã da Argentina e não tinha produção nenhuma e brasileiro gostava de comer maçã [...] poucos podiam comer uma maçã [...]. Na França precisavam de 10 kg de maçã para pagar uma hora de empregado né, e aqui precisava de 1kg de maçã para pagar 10h de trabalho [...] essa diferença é tão grande que era o

melhor incentivo para pagar maçã, porque o preço da maçã lá, você podia naquela época plantar maçã conforme o custo ganhar facilmente 50% de lucro naquela época (EVRARD, 2003).

A maçã era tão cara e tão difícil de encontrar que não é raro encontrar relatos de pessoas que davam maçãs para doentes, como remédio, fato também mencionado por Henri Evrard. A possibilidade de investir neste cenário favorável era tentadora para o grupo franco argelino. Sobre as primeiras tentativas de plantar maçãs no município, Henri Evrard comenta que:

Aconteceu uma coisa que eu vim aqui para plantar, mas eu estava no mercado, e no mercado só tinha maçã importada, mas o negócio aqui é produzir maçã. [...] Eu trouxe na minha mala mudas de maçã, porque naquela época era proibido³, então escondido trouxe uma mala cheia e experimentei aqui, plantação pequena, de duas três variedades, para ver e foi um sucesso, cresceu bonita. [...] segundo ano já tinha fruta e veio maçã que normalmente não dá aqui no Brasil, mas como naqueles anos que trouxe a maçã deu um frio muito forte aqui, dois, três anos com muito frio, então essa variedade deu muito bem (EVRARD, 2003).

Este trecho do depoimento também revela um dado importante sobre a região. As condições de clima e solo apresentadas pelo município não eram as mais favoráveis ao cultivo de frutas temperadas. Mesmo se tratando de uma região com altitude superior a 1.000 metros, raramente o município oferecia as condições necessárias para a fruta. Uma macieira geralmente precisa de 700 a 800 horas de frio com temperaturas abaixo de 7,2°C no inverno para que ocorra a dormência, quando seu ciclo vegetativo cessa e suas folhas caem. Tais horas de frio nem sempre ocorrem no município, apresentando médias irregulares ao longo dos anos. Por exemplo, no ano de 1986 ocorreram apenas 358 horas de frio, diferente do ano de 1990, onde foram registradas 832 horas de frio acumuladas (BURKE, 1994:129)⁴.

Ou seja, mesmo com um amplo mercado consumidor de maçãs, o sucesso econômico não estava garantido. Antes era necessária a realização de estudos sobre o comportamento da maçã e de outras frutas de clima temperado na região, afim de conhecer qual possuía a melhor viabilidade para o cultivo, como sugere o depoimento de Paul Evrard:

Primeiro tem que fazer um estudo o que eu fiz aqui, um estudo econômico. É viável dá para ganhar dinheiro com isso? [...] O que chamou a atenção aqui no Brasil é que a maçã é uma fruta que não existia no mercado nacional, era tudo importado então nós tínhamos um mercado inteiro aberto pra produzir essa fruta e colocar no mercado. O mercado existia, esse era o primeiro passo, o mercado existia, era bom. [No] segundo passo, instalam-se então diversas variedades, diversas espécies no pomar experimental, e não simplesmente espécies de maçã porque tinha outras espécies como pêsego, ameixa, pêra que também tinha

mercado bom. Então se instalaram todas essas espécies pra ver a que iria se adaptar aqui e em resultado da função do pomar experimental (EVRARD, 2004b)

Para testar quais espécies frutíferas possuíam o melhor comportamento frente às condições de clima e solo apresentadas pela região, criou-se no ano de 1963 um pomar experimental para analisar o comportamento de diversas espécies e variedades frutíferas, tema do próximo item.

O POMAR EXPERIMENTAL

Para condução das experiências com mudas das mais diversas fruteiras de clima temperado no pomar da Safra, foi contratado um agrônomo franco-argelino, chamado Roger Biau, que também deixou a Argélia devido à situação em que o país atravessava, já havia trabalhado por mais de dez anos na propriedade da família Evrard na Argélia (BIAU, 2003).

Estas mudas, importadas da França, no total de 100.000, desembarcaram no Rio de Janeiro, seguindo rumo a Fraiburgo. E é no transporte que surgem as primeiras dificuldades em relação ao manuseio e cuidados com as mudas. Sobre o desembarque das primeiras mudas em 1963, Roger Biau comenta que “as primeiras mudas chegaram em julho, nós fomos plantar em novembro, já tinham tudo brotado, a gente deixou na sombra e quando tinha visto já tinham brotado”. No entanto o plantio começou assim mesmo, sendo plantados inicialmente dois hectares com as mudas já brotadas (BIAU, 2003).

Desta forma iniciaram-se as pesquisas referentes ao comportamento das fruteiras de clima temperado, experimentando milhares de combinações de enxertos e porta-enxertos de cada espécie, chegando a possuir mais de 500 variedades diferentes, mais de 100 só de maçãs. Dentre as espécies cultivadas podemos destacar as macieiras, videiras, ameixeiras, pessegueiros, pereiras, nectarinas, nogueiras, etc. (BIAU, 2003). Também eram realizadas constantes importações de mudas:

[...] durante dez anos, de mudas de todos os tipos todas as espécies, variedades com porta enxertos milhares e milhares de combinações [...] de variedades [...] só de maçã foram 165 variedades, foram selecionadas três (BIAU, 2003).

Só para se ter uma idéia da quantidade de mudas de macieiras importadas, no ano de 1963 foram trazidos 11.200 porta-enxertos de macieiras, chegando a 358.000 em 1969⁵.

Foram necessários cinco anos de pesquisa, para que, em 1968, saíssem os resultados preliminares a respeito da viabilidade das fruteiras de clima temperado. Nestas

primeiras conclusões a maçã era a fruta que apresentava melhor comportamento, seguidos da pêra, da ameixa e da uva (FREY, 2004b). Os resultados conclusivos só seriam obtidos a partir de 1976, pela Agrícola Fraiburgo, de propriedade do grupo franco-argelino, formada a partir do final da Sociedade com a família Frey em 1975, apontando apenas três variedades para o cultivo comercial, a saber: *gala*, *golden* e *fuji*.

No entanto se verifica a comercialização de mudas de maçãs pela Safra já no final da década de 1960, assim como o plantio regular de maçãs em Fraiburgo. Alguns dos principais fatores que levaram ao plantio comercial de maçãs antes dos resultados conclusivos da Safra serão discutidos a seguir.

A OPÇÃO PELA MAÇÃ

Para entendermos os motivos que levaram ao início da comercialização de mudas e o início da formação de pomares de maçãs, baseando-se apenas nos resultados preliminares obtidos pelo agrônomo Roger Biau, é importante compreender os aspectos políticos, econômicos e sociais pelos quais Santa Catarina e o país atravessavam naquele momento.

Desde a década de 1950 tanto o Brasil quanto Santa Catarina passavam por um processo de modernização da economia, onde podemos considerar como representantes máximos deste período as chamadas políticas de planejamento econômico. Foram os anos do Plano de Metas de Juscelino Kubitschek, do Plano de Metas do Governo de Santa Catarina, conhecido como Plameg, elaborado durante o governo Celso Ramos entre outros (SCHMITZ, 1985). Estes planejamentos, que significavam uma maior intervenção estatal na economia, procuravam atuar nos mais diversos setores da economia, como: infra-estrutura, agricultura, indústrias, etc.

No entanto, dentro desta idéia de modernização da economia que permeava o imaginário de economistas e tecnocratas no governo, é apenas a partir da segunda metade da década de 1960 que se observa o aumento das atenções para a fruticultura de clima temperado, relegada nos primeiros planos e projetos que visavam o desenvolvimento da agricultura (BRANDT, 2005).

Para analisar o surgimento de uma maior atenção em relação à fruticultura na segunda metade da década em Santa Catarina deve-se ressaltar a influência do empresariado agroindustrial em alguns setores do governo, “buscando aumentar seu poder frente às decisões administrativas do Estado” (MAY, 1998:41), notadamente a Secretaria de Agricultura, colocando seus executivos em “funções-chave do aparelho estatal como forma de exercer pressão e obter ações/recursos públicos mais orientados

aos seus interesses diretos” (MUSSOI, 2003:231). Tal cargo era ocupado na segunda metade da década de 1960 por Luiz Gabriel, ligado ao grupo agroindustrial Perdigão (GIESE, 1991, p. 58-62), possuindo também contatos políticos com a família Frey e o grupo Safra (BRANDT, 2004a:111).

A ligação da Safra com Luiz Gabriel seria fundamental para a implementação de alguns programas visando o desenvolvimento da fruticultura de clima temperado no Estado, culminando com o Programa de Fruticultura de Clima Temperado, o Profit, criado através da Lei nº 4.263, aprovada em 1968, porém executado apenas em 1970 (SANTA CATARINA, 1970).

A implementação do Profit como veremos adiante, foi extremamente benéfica ao grupo Safra, uma vez que para desenvolver a fruticultura em Santa Catarina seria necessária a produção de mudas de fruteiras de clima temperado, o que não seria muito difícil para uma empresa que possuía um pomar experimental e um amplo viveiro. Em relação ao viveiro e a importação de mudas cabe ressaltar o papel do viveirista francês, Georges Delbard, que além de fornecer as primeiras mudas para a Safra em 1963, havia anteriormente sido convidado pelo Secretário da Agricultura, Luiz Gabriel para realizar estudos sobre a viabilidade de se implantar a fruticultura de clima temperado no Estado (SCHIMIDT, 1990:49).

O contato da Safra com Delbard não se resumia apenas ao fornecimento de mudas, tanto que em 1968, ano de criação do Profit, a Safra realizou uma alteração contratual que incluiu em seus objetivos a produção de mudas e sementes de espécies frutíferas de clima temperado, supervisionados por Delbard⁶. Vale ressaltar que no ano de 1970, em uma reunião do Comitê deliberativo da Associação de Crédito e Assistência Rural de Santa Catarina, a Acaresc (que era a responsável pela execução do programa), um dos temas discutidos foi a compra das mudas para o Profit. Uma das resoluções desta reunião afirma que a compra das mudas não era de responsabilidade da Acaresc, mas sim do Governo do Estado, através do projeto da Secretaria da Agricultura (SCHIMIDT, 1990:75). No entanto, o próprio Programa de Fruticultura de Clima Temperado, da Secretaria da Agricultura, mencionava a existência da Safra e de seu amplo viveiro com mudas destinadas ao comércio (SANTA CATARINA, 1970).

No entanto, dentre estas mudas comercializadas, a maçã não é mencionada como sendo o principal produto. Afinal a principal intenção do Profit era fomentar a fruticultura de clima temperado em Santa Catarina, com o cultivo de diversas culturas, dentre elas a uva, a ameixa, a pêra, a maçã, etc. (SANTA CATARINA, 1970), mesmo assim como vimos a comercialização de mudas era de grande interesse para a Safra.

O Governo Federal, ao que tudo indica, também demonstrava interesse pelo desenvolvimento da fruticultura de clima temperado, e em especial a maçã, pelo seu peso na balança comercial brasileira, tanto que enviou duas comissões técnicas, uma norte-americana e a outra francesa para avaliar a possibilidade de cultivo da maçã no país (ABPM, 2003). Porém foi com a criação da Lei nº 5.106 em 1966 e a posterior inclusão da maçã, que a pomicultura ganharia um enorme impulso em Fraiburgo.

A Lei nº 5.106/66, conhecida como Lei de Incentivos Fiscais para Reflorestamento, permitia que até 50% do imposto de renda fosse empregado em atividades de florestamento e reflorestamento. Para poder aplicar tal valor, era necessário apresentar um projeto para ser avaliado e aprovado pelo extinto Instituto Brasileiro de Desenvolvimento Florestal, o IBDF, compreendendo um plantio mínimo de 10.000 árvores, sem referência a quais espécies de árvores deveriam ser reflorestadas, ou se estas eram nativas ou não, o que foi de grande importância para a inclusão da macieira nesta lei (BRANDT, 2004a:118-120).

No período da elaboração da lei, Willy Frey, filho de René Frey, atuava como representante comercial da serraria da família Frey no Rio de Janeiro. Resolveu, no ano de 1967, retornar a Fraiburgo para criar uma empresa que captasse incentivos fiscais para o reflorestamento. No mesmo ano foi criada a Reflorestamento Fraiburgo Ltda, conhecida como Reflor, empresa que possuía como finalidade:

[...]a administração e a execução de serviços próprios ou de terceiros, por empreitada, subempreitada, ou diretamente relacionados com o reflorestamento e todos os tratos florestais; e o comércio de sementes, mudas, embalagens ou afins (FREY, 2003, p. 46).

Na época, o reflorestamento era realizado em uma área arrendada da família Frey, proprietária de vastas porções de terra, utilizando inicialmente o pinus. Porém, como o parágrafo 3º do Artigo 1º da Lei 5.106/66 previa o que o reflorestamento ocorresse também com árvores frutíferas, a empresa então buscou incluir a maçã nestes incentivos.

Mesmo permitindo o reflorestamento com árvores frutíferas, o projeto de reflorestamento com macieiras esbarrava na burocracia ministerial. Os burocratas do IBDF acreditavam que ao permitirem o reflorestamento com maçãs, abririam a oportunidade para que pedidos semelhantes fossem realizados, surgindo projetos com bananeiras, mangueiras, etc. (FREY, 2003:56).

Para buscar a inclusão da macieira mais uma vez pesam os contatos da família Frey com políticos estaduais e federais, sendo importante a atuação do Secretário da Agricultura, Luiz Gabriel que “mantinha desde o ‘movimento de 64’, excelentes relações

com os militares”, como o General Sílvio Pinto da Luz, presidente do IBDF, para incluir a macieira no plantio com incentivos fiscais (SCHIMIDT, 1990:76), o que finalmente ocorreu em 1969 (FREY 2004b:32).

Os irmãos René e Arnaldo Frey também plantaram maçãs através de incentivos fiscais, criando para isso em 1969 a Renar Agropastoril Ltda, empresa sem vínculos com a Safra, utilizando “recursos originários da exploração madeireira da empresa-mãe [a serraria René Frey & Irmão]” (FREY, 2004b:93). Assim a família Frey, que já possuía vastas extensões de terra em Fraiburgo, adquiria mudas de uma empresa que era sócia, utilizando dinheiro de impostos que eram então reaplicados no processo de acumulação de capital da família.

Mas por que a maçã, e não outra fruta foi escolhida na lei de incentivos fiscais, o que impulsionou a pomicultura já no início da década de 1970? Wilson Schimidt comenta que com a diversificação de culturas propostas pelo Profit, pequenos produtores estavam tendo dificuldades no manejo de algumas frutas como pêsego, ameixas, nectarinas etc., pelo desconhecimento do ponto correto da colheita, que ao serem comercializadas, por serem frutas mais sensíveis ao calor, chegavam muitas vezes apodrecidas ao destino. Soma-se a estes problemas o desconhecimento do tratamento de doenças e pragas, além do manejo incorreto, resultando em uma redução na produtividade (1990:78-79).

A maçã, além dos aspectos econômicos mencionados se sobressaía nos resultados técnicos, através de estudos preliminares, apresentando-se com melhor conservação se comparada ao pêsego e a ameixa, em uma época em que não existiam câmaras frias para acondicionamento, seja após a colheita ou no transporte para os centros consumidores. Isto só veio a ocorrer a partir da década de 1970. Seria possível levar em conta também à baixa mortandade e a facilidade do manejo de mudas de macieira, se comparada com outras espécies, como a videira. Nas palavras de um dos primeiros funcionários da firma, “a maçã é difícil morrer, a uva morre mais fácil [...] na parreira é mais difícil o enxerto” (SANTOS, 2004).

Não é de interesse realizar uma análise do desdobramento das políticas públicas beneficiando a pomicultura nos anos seguintes. Porém cabe ressaltar o grande aumento da comercialização de mudas de macieiras em relação a outras espécies já no início da década de 1970, impulso que ocorreu mediante a ação estatal, com a criação de planos e programas como o Profit e a Lei nº 5.106/66.

Quadro 4: Produção e comercialização de mudas pela Safra (1969 – 1971)

Mudas	Ano		
	1969	1970	1971
Maçã	35.186	143.833	262.810
Ameixa	1.258	13.392	54.112
Nectarina	952	9.258	11.257
Pêssego	64	3.937	5.888
Pêra	...	98	904
Amêndoas	...	45	...
Avelãs	...	66	...
Total	37.468	170.629	334.971

Fonte: *Sedes Sapientiae*, 1973.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em menos de duas décadas o Brasil passou de uma situação de importador para exportador de maçãs. Atualmente a maçã brasileira conquistou diversos mercados nos quatro cantos do mundo, inclusive na Europa, de onde se originaram aquelas primeiras mudas, trazidas escondidas em uma mala por Henri Evrard em 1963.

As áreas cultivadas com maçã aumentavam a cada ano, com a primeira safra comercial realizada no ano de 1975 (BURKE, 1994:90). E a partir dos resultados conclusivos sobre a viabilidade econômica da maçã em 1976, obtidos por Roger Biau, é iniciada, pela Agrícola Fraiburgo, o plantio de maçãs em larga escala.

Nos anos seguintes diversas empresas resolveram investir na maçã. É o caso da Fischer, empresa com sede no Rio de Janeiro, da Perdigão, com sede em Videira, entre outras, que somaram-se às empresas já existentes no município, como a Renar e a Agrícola Fraiburgo.

Em pouco mais de 18 anos o país já iniciava a exportação de maçãs, chegando a auto-suficiência em 1992, quando foram produzidas aproximadamente 403.000 toneladas, das quais exportou 35.955 toneladas (BURKE, 1994:91). Atualmente, na safra 2003/2004, o país produziu cerca de 977.863 toneladas, exportando cerca de 153.000 toneladas, sendo que só Santa Catarina foi responsável por mais de 50% da produção nacional com 583.205 toneladas (ICEPA, 2005).

No entanto, não se pode considerar ao se estudar o crescimento da pomicultura em Fraiburgo ou mesmo no Estado de Santa Catarina, que esta seja fruto apenas da inovação do empresário, do “empreendedorismo” do mesmo. Estes têm sim seus méritos, enfrentaram adversidades climáticas, solo inadequado, depararam (e ainda deparam) com estradas precárias, entre outros. Porém, como nos demais setores empresariais de Santa Catarina e do país, deve-se considerar a existência por trás destas iniciativas

particulares, do jogo de interesses particulares que muitas vezes utilizam o bem público para seu benefício e enriquecimento.

BIBLIOGRAFIA

Associação Brasileira dos Produtores de Maçã. Disponível em: <<http://www.abpm.org.br>>. Acesso em: 6 outubro 2003.

BALESTRIN, Neusa. **Uma história de qualidade e tradição.** Videira, [200-]. Digitado.

BIAU, Roger Marie Gilbert. **Roger Marie Gilbert Biau:** Depoimento, novembro de 2003, Fraiburgo. Entrevistador: Marlon Brandt.

BRANDT, Marlon. **“Frey”burgo:** acumulação de capital no setor madeireiro e continuidade política no município de Fraiburgo na década de 1960. 2004. 142f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em História) – Centro de Educação, Universidade do Estado de Santa Catarina, Florianópolis, 2004a.

_____. **A instalação da serraria René Frey & Irmão na localidade do Campo da Dúvida, atual município de Fraiburgo – SC (1937-1961).** 2004. 116f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Geografia) – Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2004b.

_____. Notas sobre o papel do Estado no desenvolvimento da pomicultura em Fraiburgo, Santa Catarina na década de 1960. In: **NetHistória.** Disponível em: <<http://www.nethistoria.com>> . Acesso em: 23 fevereiro 2005.

BURKE, Thomas J. **Fraiburgo, do machado ao computador.** Fraiburgo: Gráfica Vicentina, 1994.

Documentos do Curso de Técnico em Agropecuária do Colégio Sedes Sapientiae, fornecidos ao colégio e assinados por Carlos Alberto de Abreu, em 26 de setembro de 1973. Acervo do Colégio *Sedes Sapientiae*.

EVARD, Henri. 74 anos. **Henri Evard:** Depoimento, novembro 2003, Fraiburgo. Entrevistador: Marlon Brandt.

EVARD, Paul Gabriel, 51 anos. **Paul Gabriel Evard:** Depoimento, fevereiro 2004a, Fraiburgo: Entrevistadora: Andréia Melo. Acervo Rádio Fraiburgo.

_____. Depoimento, março 2004b, Fraiburgo: Entrevistador: Leopoldo Brandt Neto.

FIGUEIREDO, Anna Cristina Camargo Moraes. “Liberdade é uma calça velha, azul e desbotada”. **Publicidade, cultura de consumo e comportamento político no Brasil (1954-1964).** São Paulo: Hucitec, 1998.

FREY, Willy. **Reflorestar é a solução.** Curitiba: Sépia Editora, 2003.

_____. **Os Pioneiros.** Fraiburgo, 2004a. Digitado.

_____. **Fraiburgo, berço da maçã brasileira**. 4. ed. Curitiba: Sépia Editora, 2004b.

GIESE, Bárbara. **A atuação política do empresariado catarinense dos ramos têxtil e agroindustrial: demandas e canais de influência (1970-1985)**. 1991. 149 f. Dissertação (Mestrado em Sociologia Política) – Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1991.

HARVEY, David. **A condição pós moderna**. 12 ed. São Paulo: Loyola, 2003.

Instituto de Planejamento e Economia Agrícola de Santa Catarina (Icepa). Disponível em: <<http://www.icepa.com.br/>>. Acesso em: 24 fevereiro 2005.

KLANOVICZ, Jó; NODARI, Eunice Sueli. **Das araucárias às macieiras: transformações da paisagem em Fraiburgo – Santa Catarina**. Florianópolis: Insular, 2005.

MAY, Patrícia S. Zumblick. **Redes político–empresariais de Santa Catarina (1961-1970)**. 1998. 182 f. Dissertação (Mestrado em História) – Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1998.

MAMIGONIAN, Armen. Notas sobre o processo de industrialização no Brasil. In: **Boletim do departamento de Geografia da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Presidente Prudente**: Presidente Prudente, p. 55-63, 1969.

_____. O processo de industrialização em São Paulo. In: **Boletim Paulista de Geografia**. São Paulo, n. 50, p. 83-101, mar. 1976.

MUSSOI, Eros Marion. Políticas públicas para o rural em Santa Catarina: descontinuidades na continuidade. In: PAULILO, Maria Igenes Silveira; SCHMIDT, Wilson. (orgs) **Agricultura e espaço rural em Santa Catarina**. Florianópolis: UFSC, 2003.

REIS Filho, Daniel Aarão *et al.* (orgs). **O século XX**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

SANTA CATARINA. Governador Ivo Silveira. **Projeto de fruticultura de clima temperado**. Florianópolis, 1970.

SANTOS, Augusto Domingues dos. 66 anos. **Augusto Domingues dos Santos: Depoimento**, maio 2004. Fraiburgo: Entrevistador: Marlon Brandt. Acervo do autor.

SCHMIDT, Wilson. **O setor macieiro em Santa Catarina: formação e consolidação de um complexo agroindustrial**. 1990. 258f. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Agrário) - Instituto de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Itaguaí, Rio de Janeiro, 1990.

SCHMITZ, Sérgio. **Planejamento estadual: a experiência do Plameg**. Florianópolis: UFSC, 1985.

SEVCENKO, Nicolau. **A corrida para o século XXI: no loop da montanha russa**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

SEZERINO, Maria Lurdes. **As condições climáticas e o cultivo da maçã em São Joaquim** – Santa Catarina. 1982. Dissertação (Mestrado em Ciências) – Instituto de Geociências e Ciências Exatas, UNESP Rio Claro, Rio Claro, São Paulo, 1982.

STINCHCOMBE, Arthur L. Classes sociais e meio rural. In: SZMRECSÁNYI, Tamás; QUEDA, Oriovaldo. (orgs). **Vida rural e mudança social**. 3. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1975.

SZMRECSÁNYI, Tamás. **Pequena história da agricultura no Brasil**. São Paulo: Contexto, 1990.

Notas:

¹ A Vinícola Fraiburgo será tratada neste artigo como se fosse parte da Safra, sem distinção entre estas, por se tratar do mesmo grupo empresarial, possuindo como diferença apenas os objetivos sociais, que desta última se destinava somente à compra de frutas e produção de bebidas. Durante a década de 1970 a Sociedade Vinícola Fraiburgo, mais tarde denominada Vinícola Fraiburgo S.A., era a maior cantina do Estado, com 130 funcionários. (BURKE, 1994, p. 76). A cantina produzia vinhos, conhaques de maçã, de ameixa, aguardente de pêra, vermute, entre outros. Documentos do Curso de Técnico em Agropecuária do Colégio Sedes Sapientiae, fornecidos ao colégio e assinados por Carlos Alberto de Abreu, em 26 de setembro de 1973. Acervo do Colégio Sedes Sapientiae.

² Imigrantes de origem alemã, os irmãos René e Arnaldo Frey chegaram ao Brasil no ano de 1919, passando por algumas cidades dos Estados do Rio Grande do Sul e do Paraná, se fixando na década de 1930 em Perdizes (atual Videira). Lá instalaram um pequeno matadouro e açougue, investindo mais tarde no setor madeireiro. A busca por novas reservas madeireiras a serem exploradas, os levam a conhecer uma área de 5.000 hectares em uma região conhecida como Campo da Dúvida de propriedade do Coronel Belizário Ramos, de Lages. Estas terras foram concedidas aos Ramos como terras devolutas, mesmo existindo na área algumas famílias de posseiros que viviam da floresta de araucárias, criando porcos que eram engordados com pinhões ou mantendo uma pequena lavoura de subsistência. No ano de 1937 os irmãos Frey então firmaram um acordo com os Ramos para explorarem aqueles pinheirais, através de uma prática conhecida como “serrar às meias”, onde o dono das terras e dos pinheiros ficavam com metade da produção enquanto a serraria ficava com a outra metade. A medida em que as árvores são derrubadas, os Frey vão adquirindo as áreas devastadas de propriedade dos Ramos, adquirindo também terras de outras famílias ao redor, se tornando uma das maiores empresas madeireiras da região e a maior contribuinte do município de Curitiba, município ao qual a serraria pertenceu durante mais de duas décadas, até a emancipação em 1961, se tornando durante esta década praticamente a “dona” do município. (BRANDT, 2004b, passim)

³ A informação do transporte às escondidas das mudas, refere-se à falta de certificado fitossanitário.

⁴ Não é possível encontrar dados confiáveis em relação às médias de temperaturas na década de 1960.

⁵ Estes dados se encontram nos arquivos do colégio Sedes Sapientiae, em Fraiburgo, referentes ao Curso de Técnico em Agropecuária, fornecidos ao colégio pela Safra e assinados por Carlos Alberto de Abreu, em 26 de setembro de 1973.

⁶ Em 1971 foi criada outra empresa, pertencente ao mesmo grupo, a Frutícola Fraiburgo S/A, destinada a produção e comercialização de mudas e que tinha Georges Delbard como sócio. (BALESTRIN [200-])

Recebido em abril/2005
Publicado em junho/2005